



*Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Centro de Pesquisa Agropecuária dos Tabuleiros Costeiros
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento*

ISSN 1678-1953

Agosto, 2007

Documentos 109

Formação de Multiplicadores - *Orientações Pedagógicas*

José Carlos Caires

Aracaju, SE
2007

Disponível em: <http://www.cpatc.embrapa.br>

Embrapa Tabuleiros Costeiros

Av. Beira Mar, 3250, Aracaju, SE, CEP 49025-040
Caixa Postal 44
Fone: (79) 4009-1300
Fax: (79) 4009-1369
www.cpatc.embrapa.br
sac@cpatc.embrapa.br

Comitê Local de Publicações

Presidente: Edson Diogo Tavares
Secretária-Executiva: Maria Ester Gonçalves Moura
Membros: Emanuel Richard Carvalho Donald, José Henrique de Albuquerque Rangel, Julio Roberto Araujo de Amorim, Ronaldo Souza Resende, Joana Maria Santos Ferreira

Supervisora editorial: Raquel Fernandes de Araújo Rodrigues
Normalização bibliográfica: Josete Cunha Melo
Tratamento de ilustrações: João Henrique Bomfim Gomes
Edição eletrônica: João Henrique Bomfim Gomes
1ª edição

Todos os direitos reservados.

A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei no 9.610).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Embrapa Tabuleiros Costeiros

Caires, José Carlos

Formação de Multiplicadores: Orientações Pedagógicas / José Carlos Caires. - Aracaju : Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2007.

21 p. : il. color. - (Documentos / Embrapa Tabuleiros Costeiros, 109)

Disponível em <http://www.cpatc.embrapa.br> > ISBN 1678-1953

1. Educação. 2. Multiplicador - Educação. I. Título. II. Série.

CDD 370
© Embrapa 2007

Autor

José Carlos Caires
Analista da Embrapa Tabuleiros Costeiros/UEP Rio
Largo-AL

Sumário

| | |
|--|----|
| Objetivos | 07 |
| Formulação de Objetivos | 08 |
| Conteúdo | 10 |
| Estratégias | 10 |
| Técnica Didática | 10 |
| Técnica Expositiva (Aula Expositiva) | 11 |
| Estudo Dirigido | 12 |
| Debate e Discussão Dirigida | 12 |
| O Cochicho | 12 |
| Painel Aberto e Painel Integrado | 13 |
| Grupo de Verbalização e de Observação (GV - GO) | 14 |
| Dramatização | 15 |

| | |
|----------------------------------|-----------|
| Estudo de Caso | 15 |
| Jogos e Simulações | 16 |
| Recursos Auxiliares | 17 |
| Quadro Negro | 18 |
| Cartaz | 18 |
| Albúm Seriado | 19 |
| Transparências | 19 |
| Textos | 19 |

Formação de Multiplicadores

Orientações Pedagógicas

José Carlos Caires

Objetivos

Em termos amplos, objetivos são proposições que descrevem o(s) resultado(s) a ser (em) obtido (s) por meio de uma ou mais ações.

Numa situação de aprendizagem, os objetivos podem ser conceituados como: ***Definições operacionais das mudanças de comportamento que se espera produzir nos aprendizes – pessoas envolvidas no processo ensino/aprendizagem.***

Estabelecer, com exatidão, os objetivos que se pretendem atingir, mediante qualquer atividade pedagógica, é tarefa difícil, mas de suma importância para o controle do processo ensino/aprendizagem, uma vez que tal processo apresenta as seguintes vantagens:

- Sinaliza o multiplicador para as tarefas didáticas a serem desenvolvidas.
- Valida o conteúdo do programa desenvolvido.
- Justifica a escolha dos recursos didáticos facilitadores da aprendizagem.
- Serve como ponto de referência para medir os resultados finais das atividades realizadas.

Para a situação de aprendizagem, os objetivos podem ser definidos em duas dimensões:

Objetivo global ou educacional – Caracterizam-se por representar uma síntese de todos os comportamentos que gradativamente foram sendo adquiridos no decorrer do processo ensino/aprendizagem. Por isso, são comumente denomi-

nados objetivos finais, objetivos abrangentes, etc., e aparecem descritos no planejamento das atividades que caracterizam o programa, curso ou atividade.

Objetivo específico ou instrucional – Caracterizam-se por uma maior especificação e operacionalização dos objetivos educacionais. São proposições específicas sobre as mudanças que deverão ocorrer nos comportamentos dos aprendizes, e que serão atingidas, gradativamente, no decorrer do processo ensino/aprendizagem.

Formulação de Objetivos

Segundo Robert F. Mager, a formulação de um objetivo instrucional deve incluir três componentes:

- Comportamento terminal desejado;
- Condições em que o comportamento deve ocorrer;
- Padrão de rendimento mínimo.

Comportamento terminal desejado – É a definição do que o aprendiz será capaz de fazer, se o treinamento for bem-sucedido. É necessário que o comportamento final seja especificado em termos de ação observável. Há palavras com sentido específico, cujo conteúdo ou mensagem é clara e inconfundível; existem outras com conotações ambíguas (passíveis de diversas interpretações). Exemplos: Lista 1 e 2.

Palavras com diversas interpretações
Sentido mais vago

Palavras com menos interpretações
Sentido mais exato

| | |
|-------------|---------------------------------|
| Compreender | Identificar |
| Saber | Diferenciar, discriminar |
| Entender | Relacionar |
| Apreciar | Resolver |
| Desenvolver | Enumerar |
| Conhecer | Criticar |
| Adquirir | Provar |
| Aperfeiçoar | Justificar |
| Avaliar | Estabelecer diferença |
| Reconhecer | Citar, dizer |
| Lembrar | Escrever |

| | |
|------------------------|-------------------|
| Perceber | Encontrar |
| Estar ciente de | Demonstrar |
| Aprender | Expressar |
| | Escolher |
| | Operar |

Se atentarmos um pouco mais para as listas de verbos, veremos que a diferença entre elas está no fato de que a Lista 1 descreve coisas que acontecem na mente do aprendiz. Logo, não são observáveis, enquanto na Lista 2, as palavras indicam ação e podem ser observadas.

Quanto mais claramente forem definidos os objetivos, mais fácil será verificar se eles foram alcançados ao final do programa de treinamento.

Condições importantes sob as quais a conduta esperada deve ocorrer – Deve-se considerar quais instrumentos ou meios serão oferecidos ao treinando, para auxiliá-lo na demonstração de que ele adquiriu o comportamento esperado. Da mesma forma, será necessária a identificação das restrições ou limitações que lhe serão impostas. Exemplos.

Fornecida uma lista de...

Sem o auxílio de...

Num laboratório...

Com base num teste...

Padrão de rendimento mínimo aceitável – É a determinação da quantidade e da qualidade do comportamento final que o instrutor aceitará como evidência de que o treinando adquiriu o comportamento. Exemplos:

- Correr 100 m rasos em 14 segundos.
- Descrever, no mínimo, duas regras do jogo de tênis.

Para se analisar a formulação de um objetivo, o multiplicador poderá utilizar algumas perguntas, tais como:

- a) Ao final da situação de aprendizagem, o que é que o treinando deverá ser capaz de realizar? (comportamento final).
- b) Sob que condições o treinando deve demonstrar tal comportamento? (condições).
- c) Qual o rendimento mínimo esperado para evidenciar que o treinando alcançou

uma aprendizagem satisfatória? (padrão de desempenho).

Conteúdo

Conteúdo programático é a matéria-prima a ser utilizada para consecução dos bjetivos instrucionais. É o conjunto de conhecimentos hierarquizados que serão transmitidos aos treinandos.

A seleção do conteúdo a ser desenvolvido deve:

- Estar relacionada com os objetivos instrucionais estabelecidos no plano, ou seja, os aspectos considerados indispensáveis devem ser desenvolvidos para que os treinandos adquiram os comportamentos fixados.
- Proporcionar experiências úteis para o desempenho dos treinandos em seus respectivos ambientes de trabalho.
- Estar de acordo com o nível de desenvolvimento dos treinandos e contribuir para um desenvolvimento ainda maior.
- Ser adequado aos interesses e às experiências anteriores dos treinandos.
- Ser organizado de forma seqüencial (do mais simples para o mais complexo) e hierárquica (uma etapa deve ser pré-requisito para a seguinte).
- Estar de acordo com a carga horária disponível.

Estratégias

Estratégia instrucional é o conjunto de procedimentos (técnicas e recursos) que visam engajar o treinando em situações capazes de estimular a aprendizagem.

As estratégias devem estar adequadas aos objetivos, conteúdo e treinandos, proporcionando experiências de aprendizagem que favorecem as mudanças comportamentais.

Técnica Didática

É a maneira pela qual a matéria é apresentada aos treinandos.

Ao aplicar uma técnica didática, o multiplicador deve lembrar-se de que nenhuma técnica é boa por si só. Ela o será, na medida em que for adequada ao assunto a ser desenvolvido, ao multiplicador (orientador da aprendizagem) e aos

treinandos (agentes do processo de aprendizagem).

Técnica expositiva (aula expositiva)

A técnica expositiva consiste na apresentação oral de um tema logicamente estruturado. Para tornar-se mais eficiente, a exposição requer o uso de outros recursos didáticos, não dispensando a fluência e boa expressão verbal, conhecimento do assunto tratado e capacidade de síntese.

Sendo a linguagem oral o principal instrumento da técnica expositiva, ela requer uma série de cuidados, para que a ação da técnica seja mais eficiente:

- **Timbre e tom de voz** – Devem ser adequados ao tamanho e à acústica do local de exposição.
- **Pronúncia** – Palavras mal pronunciadas dificultam a apreensão da mensagem.
- **Ritmo de exposição** – O ritmo desejável deve ser aquele que permita ao treinando captar adequadamente a mensagem, refletir bem sobre ela, tomar notas quando necessário e fazer perguntas.
- **Linguagem** – Deve ser simples, direta e constituída de vocabulário conhecido pelos treinandos.

Por mais interessante que seja uma exposição, a atenção de ouvinte não poderá conservar-se concentrada nela por longo tempo.

O multiplicador deve estar atento e cercar-se de cuidados para tornar a aula dinâmica, como por exemplo:

- Conhecer as necessidades dos treinandos, para adequar os dados a serem apresentados.
- Estabelecer, com clareza, os objetivos da exposição.
- Explorar as vivências dos treinandos para enriquecer ou comprovar a exposição.
- Suscitar dúvidas continuamente.
- Apresentar gravuras, gráficos, painéis ou slides, que melhor ilustrem a exposição.
- Usar álbum seriado, um excelente recurso para auxiliar a exposição.
- Efetuar recapitulações periodicamente e, no final de cada exposição, fazer um pequeno resumo (síntese) do assunto em questão, sempre que possível

com a cooperação dos treinandos.

Estudo Dirigido

A técnica do estudo dirigido consiste em levar o treinando – individualmente ou em grupo – a estudar um tema ou uma unidade, na extensão e na profundidade desejadas pelo multiplicador, com base em roteiro elaborado por ele.

A forma grupal do estudo dirigido pode apresentar duas versões:

- Todos os grupos estudando o mesmo tema, com base no mesmo roteiro.
- Cada grupo estudando temas diferentes ou parte de um mesmo tema, logicamente, com roteiros diferentes.

Sempre que solicitado, o multiplicador deve auxiliar os treinandos em suas dúvidas, nunca lhes respondendo as questões e problemas propostos, mas dirigindo seu raciocínio para a resposta correta.

A elaboração de um estudo dirigido deve ser feita com o objetivo de mobilizar o pensamento do treinando, permitindo que ele chegue realmente a construir os conceitos por meio de sua própria atividade.

Debate e Discussão Dirigida

Consiste na discussão de um tema por um pequeno grupo, sob a estimulação do multiplicador.

Formam-se grupos de 5 a 8 elementos, para melhor aproveitamento da discussão. Após escolher o tema, o multiplicador fornecerá o material de informação (apostilas e outras fontes) aos membros do grupo e elaborará as questões que orientarão a discussão.

No início da aula, o multiplicador apresentará o tema e as normas do trabalho. A seguir, formulará a primeira questão e estimulará a participação. Procurará manter o debate dentro do esquema previsto, distribuindo o uso da palavra, preocupando-se com a atividade dos membros do grupo, etc.

O Cochicho

Consiste no trabalho de todo um grupo dividido em pares que conversam baixo, entre si.

Proposta a questão, o multiplicador estabelecerá que os elementos se

agrupem aos pares e passem a discutir, informalmente, o tema. Por acordo mútuo, um dos dois elementos será escolhido, para expor ao grupo as conclusões a que ambos chegaram. O objetivo é criar o máximo de oportunidade para a participação individual, conservando a informalidade do ambiente.

Painel Aberto

Consiste na discussão de um tema por vários subgrupos (de 4 a 5 elementos).

O multiplicador dividirá a classe em pequenos grupos. Cada grupo deverá eleger um coordenador e um relator. O multiplicador dará um tema que deverá ser discutido pelos grupos num período de 15 minutos. Os relatores anotarão as conclusões. Em seguida, irão à frente da classe apresentar as conclusões dos seus grupos. Essas conclusões serão anotadas por um secretário, que fará a sùmula do trabalho dos grupos.

Painel Integrado

Compreende a discussão de um tema por vários subgrupos, com posterior troca metódica dos elementos. Todos os grupos devem ter o mesmo número de elementos (de 4 a 5).

Os participantes dos grupos são numerados em seqüência de 1 a 4, 1 a 5, etc, conforme a Fig. 1. Por sua vez, o multiplicador proporá um tema a ser debatido

Cada elemento deve responsabilizar-se pela coordenação e pela redação das conclusões (15 minutos). Após essa primeira etapa, o multiplicador deve solicitar a formação de novos grupos, unindo os elementos de numeração idêntica.

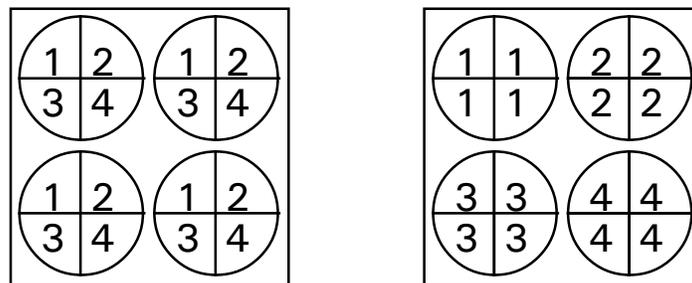


Fig. 1 . Subgrupos com elementos enumerados de 1 a 4.

O mesmo tema será novamente debatido com as novas colaborações, durante um período de 15 minutos. Para cada grupo, deve ser escolhido um relator que fará a apresentação das conclusões finais. Caberá ao multiplicador coordenar a discussão e sintetizar os trabalhos.

Nota: o multiplicador pode propor temas diferentes, mas relacionados a cada grupo.

Grupo de Verbalização e Grupo de Observação: (GV – GO)

O multiplicador deve dividir a classe em subgrupos (de 4 a 5) para a discussão de um tema (grupo de estudo com consulta a apostilas, etc). É uma preparação prévia para o trabalho a ser desenvolvido. Essa etapa é optativa, podendo ser dispensada, caso os treinandos estejam bem preparados quanto ao assunto a ser discutido.

GV e GO – Parte da classe será disposta em círculo, no centro da sala de aula. (No caso de haver 20 treinandos, pode-se formar grupo de dez elementos). Este é o grupo de verbalização (GV).

Os outros treinandos formarão um círculo maior, ao redor do (GV). Este é o grupo de observação (GO). Deve haver uma certa distância entre os dois grupos, para que um não interfira no trabalho do outro.

A função do GV é discutir o tema, baseado na preparação anterior. Deve-se escolher um coordenador. Somente o GV fala e discute durante um tempo determinado pelo instrutor. Deve haver a participação de todos os elementos.

A função do GO e do multiplicador é observar o trabalho do GV. Eles devem avaliar o desenvolvimento da discussão (conteúdo) e o comportamento do grupo (participação). O GO não fala em hipótese alguma, somente observa.

O multiplicador poderá passar bilhetes para o GO, chamando atenção para aspectos importantes da discussão ou do comportamento dos treinandos do GV.

Terminado o tempo de discussão do GV, o multiplicador pedirá que seus membros façam uma auto-avaliação. O GO também fará uma avaliação do trabalho.

O passo seguinte será a inversão dos grupos, reiniciando-se, assim, todo o processo. Ao final, baseado em suas anotações durante as discussões, o

multiplicador fará a síntese do trabalho.

Dramatização

Consiste na representação de situações reais de vida, com o propósito de:

- Levar o treinando a perceber melhor a situação, sua própria atuação e a reação dos outros elementos envolvidos.
- Criar condições para que os treinandos transfiram as informações recebidas para uma situação de aplicação prática.
- Favorecer a integração grupal.

Essa técnica leva dois ou mais treinandos a representarem uma cena (real ou hipotética), cada qual desempenhando um papel de forma espontânea. No decorrer da dramatização, é importante levar os treinandos a inverterem seus papéis, facilitando, assim, a compreensão da atitude do outro.

Com o grupo, o multiplicador proporá o tema a ser dramatizado. Os treinandos não receberão instruções especiais para a representação, a não ser a de que deverão procurar interpretar – o mais espontaneamente possível – o tema escolhido para a referida encenação.

A dramatização deve demorar o tempo suficiente para a apresentação dos dados da discussão. É preciso que haja controle de duração ou timing (se possível com uso de cronômetro), para que a encenação não demore demais e perca sua objetividade.

Após a representação, caberá ao multiplicador abrir e coordenar os debates, explorando todos os pontos significativos para a consecução dos objetivos propostos para a técnica.

Estudo de Caso

A técnica de estudo de caso consiste no exame de problemas que permitem várias possibilidades de solução. Esses problemas são apresentados em forma de texto e geralmente descrevem situações reais de trabalho dos treinandos, exigindo a aplicação prática dos aspectos teóricos abordados.

O multiplicador deve estar preparado para a variedade de interpretações que poderão ser levantadas pelos treinandos, sendo, portanto, necessário um conhecimento profundo do caso a ser apresentado, e dos objetivos que ele quer atingir.

A principal função do multiplicador é a de orientar a discussão, cabendo

aos treinandos a tarefa de avaliar a situação, fazer julgamentos, propor soluções e comparar os seus pontos de vista com os de outros. A técnica de estudo de caso pode ser aplicada individualmente ou em grupo, sendo mais eficiente a forma grupal, na medida em que permite maior troca de experiências.

Jogos e Simulações

Jogo é qualquer situação de interação (conflito ou cooperação) entre partes que ocorra num sistema real ou simulado de trabalho.

A simulação consiste na representação de uma situação da vida real na qual os participantes aplicam seus novos conhecimentos e habilidades, e recebem, de imediato, o feedback do seu comportamento.

Analisando-se os dois conceitos, conclui-se que o termo jogo é mais amplo e genérico, incluindo simulações e exercícios não simulados.

No jogo, o aprendizado é pessoal, tendo em vista que o auto-envolvimento é elevado. Além disso, há aceleração da aprendizagem, uma vez que a seqüência de acontecimentos da vida real – que geralmente demanda dias ou meses para ser aprendida – pode ser simulada em minutos ou horas.

O emprego de jogos e simulações permite ao treinando:

- Aplicar seu aprendizado anterior.
- Estar sempre ativo, participando e interagindo com outros elementos.
- Aumentar sua capacidade de análise, na medida em que faz julgamentos e sofre as conseqüências delas.
- Ampliar a percepção do seu próprio comportamento, assim como o dos outros.
- Praticar e aperfeiçoar suas habilidades de relações humanas, suas habilidades de perceber as necessidades e interesses dos outros, e, a seguir, levá-los, em consideração.
- Obter um feedback imediato, isto é, o treinando é capaz de ver as conseqüências de suas ações e, de acordo com elas, modificar seu comportamento.

Um elemento essencial do jogo é a discussão. É na análise e discussão, e não no resultado em si, que a maior parte do aprendizado acontece.

Nesse momento, os participantes e o multiplicador podem compartilhar o que experimentaram durante o jogo, como por exemplo, seus sentimentos para com os outros e para com os novos conceitos, habilidades e procedimentos que

lhes foi pedido que aplicassem. Assim, a discussão é sempre realista – tem-se evidências diretas de como o participante atuou.

O trabalho do multiplicador é estimular a discussão, conservá-la significativa (relevante para a maioria dos participantes), criar e manter um clima agradável, onde observações referentes à situação de qualquer participante sejam emitidas e recebidas num espírito de ajuda mútua. Ao invés de dar as respostas, deve dar oportunidade aos participantes de oferecerem sugestões e descobrirem soluções por eles mesmos.

É importante lembrar que as questões menos estruturadas são menos diretivas e suscitam maior discussão entre os participantes do que as mais estruturadas, que influenciam muito mais as respostas dos treinandos.

Concluindo, pode-se afirmar que jogos e simulações não devem ser vistos como um fim em si mesmos, mas como oportunidade de os treinandos aplicarem, analisarem e discutirem as habilidades que eles adquiriram.

Recursos Auxiliares

Recursos Auxiliares são instrumentos que complementam as técnicas didáticas, permitindo aos treinandos experiências sensoriais que facilitam a sua aprendizagem.

Ao utilizar um recurso auxiliar, o multiplicador nunca deve considerá-lo como um fim em si mesmo, mas como um meio para facilitar a aprendizagem, devendo estar adequado a quem aprende, ao que se ensina e a quem ensina.

Sendo significativos e bem explorados, os recursos auxiliam a consecução dos objetivos propostos, e ao efetuar a seleção destes meios, o multiplicador deve considerar os seguintes pontos:

- Características dos treinandos.
- Conteúdo do programa.
- Disponibilidade de recursos existentes no local em que o treinamento será efetuado.
- Carga horária prevista.
- Técnicas utilizadas.
- Sua experiência com relação ao recurso.

Exemplos de recursos que podem ser utilizados:

Quadro-negro

É um recurso funcional de fácil utilização e que apresenta as seguintes vantagens:

- Não requer equipamentos especiais.
- As emendas e alterações nos assuntos apresentados são facilmente feitas, não prejudicando em nada, o material em si.
- É versátil, podendo ser utilizado com diferentes técnicas, complementando outros recursos.
- Permite grande participação da classe.
- Atinge visualmente toda a classe ao mesmo tempo.
- Atende a um grande número de necessidades nas diversas disciplinas: fixação de conceitos, exercícios e síntese.

Ao usar o quadro-negro, o multiplicador deve pôr em prática algumas técnicas para alcançar o máximo de eficácia:

- Escrever somente o necessário e nos momentos oportunos.
- Ao escrever, não dar as costas para a classe.
- Escrever de modo legível e organizar corretamente o material.
- Escrever bastante alto, para que todos possam ler.
- Apagar os elementos desnecessários.

Cartaz

É um recurso visual para a comunicação rápida de uma mensagem, exigindo, por isso, um desempenho simples, bem claro e um texto curto.

Um bom cartaz deve:

- Ser atraente e de fácil compreensão.
- Transmitir uma mensagem de forma definida.
- Relacionar-se com necessidades imediatas do treinando.
- Conter poucos detalhes.

Um cartaz pode ser utilizado para despertar interesse e para informar.

Álbum Seriado

É um recurso visual que possibilita a apresentação progressiva de um assunto, a um grupo de indivíduos. Pela interdependência de suas páginas, permite melhor organização da exposição e condiciona o rumo a ser tomado pelo multiplicador, evitando dispersão ou confusão. Proporciona ainda síntese ao assunto e facilita a fixação dos pontos essenciais, despertando e mantendo a atenção dos treinandos.

Transparências

São folhas de acetato impressas com texto ou imagem inanimada, que são projetadas em projetor especial (retroprojetor), como recurso pedagógico para ilustrar ou enriquecer o discurso verbal de comunicadores (professores, palestrantes e multiplicadores).

Vantagens das transparências para o multiplicador:

- Como toda imagem projetada, têm o poder de prender a atenção.
- Prestam-se tanto à projeção em cores quanto em preto e branco (P&B).
- Qualquer coisa que se pode riscar, desenhar, escrever, datilografar ou fotografar numa transparência, pode ser claramente projetada na tela, por meio do retroprojetor.
- São de fácil elaboração.

Apresentadas em camadas sucessivas, mostram, aos treinandos, etapas progressivas de desenvolvimento, seqüência e cortes de um determinado assunto.

O fato de manusear o retroprojetor na frente da sala de aula, permite ao multiplicador manter contato visual direto com os treinandos durante o tempo de projeção.

Textos

São recursos auxiliares mais utilizados, pois permitem a transmissão de maior número de informações, em menor período de tempo.

Quando o multiplicador utiliza textos para enriquecer o conteúdo de sua aula, deve lembrar-se de que esse recurso constitui o embasamento teórico do curso. Portanto, devem ser explorados, para levar o treinando a apreender e extrapolar os conceitos neles existentes. Para isso, há necessidade de se adotar técnicas que permitam maior discussão dos tópicos.

Geralmente, os textos introduzem, complementam e aprofundam temas, na medida em que são apresentados numa seqüência lógica. Permitem, também, a cada treinando, caminhar de acordo com seu próprio ritmo de aprendizagem.

Ao elaborar ou selecionar textos, o multiplicador deve considerar:

- A realidade do treinando, a fim de possibilitar a aplicação dos conceitos aprendidos.
- Os objetivos a que se propõe o treinamento.
- O nível cultural dos treinandos, para que o vocabulário utilizado e o assunto a ser desenvolvido sejam de fácil compreensão.
- A forma de apresentação do texto, ressaltando os tópicos principais, apresentando quadros explicativos, o que permite maior compreensão e retenção.

Referências Bibliográficas

- ELY, Neiva Helena. Dimensões da biblioteca escolar no ensino fundamental. **Revista ACB**, Santa Catarina, v. 8/9, p. 46, 2003/2004.
- FREIRE, Isa Maria. O processo de reativação do Núcleo Temático da Seca. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 3, set./dez. 2003. Disponível em: < <http://www.scielo.br/scielo.php> >. Acesso em: 03 maio 2006.
- SOUZA, Maria Aparecida Rodrigues de. Vilaverde: um espaço além das quatro paredes. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. n. 1, p. 152-164, jul./dez. 2005.
- ESTUDOS Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social. **Educação ambiental**. [s.l]: 2005.
- PIAGET, Jean. Fundamentos científicos para a educação de amanhã. In: PIAGET, Jean. **Educar para o futuro**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1974.
- FURTER, Pierre. **Educação permanente a desenvolvimento cultural**. Petropolis: Vozes, 1974.
- MAGER, Robert. **Objetivos para o ensino efetivo**. Rio de Janeiro: SENAI, 1973.
- ROGERS, Carl R. **Liberdade para aprender**. Belo Horizonte: Interlivros, 1973.
- BRUNER, Jerome. **O processo da educação**. São Paulo: Nacional, 1973. 87 p.
- BLOOM, Benjamin S. et al. **Taxionomia de objetivos educacionais: domínio afetivo**. Porto Alegre: Globo, 1972.